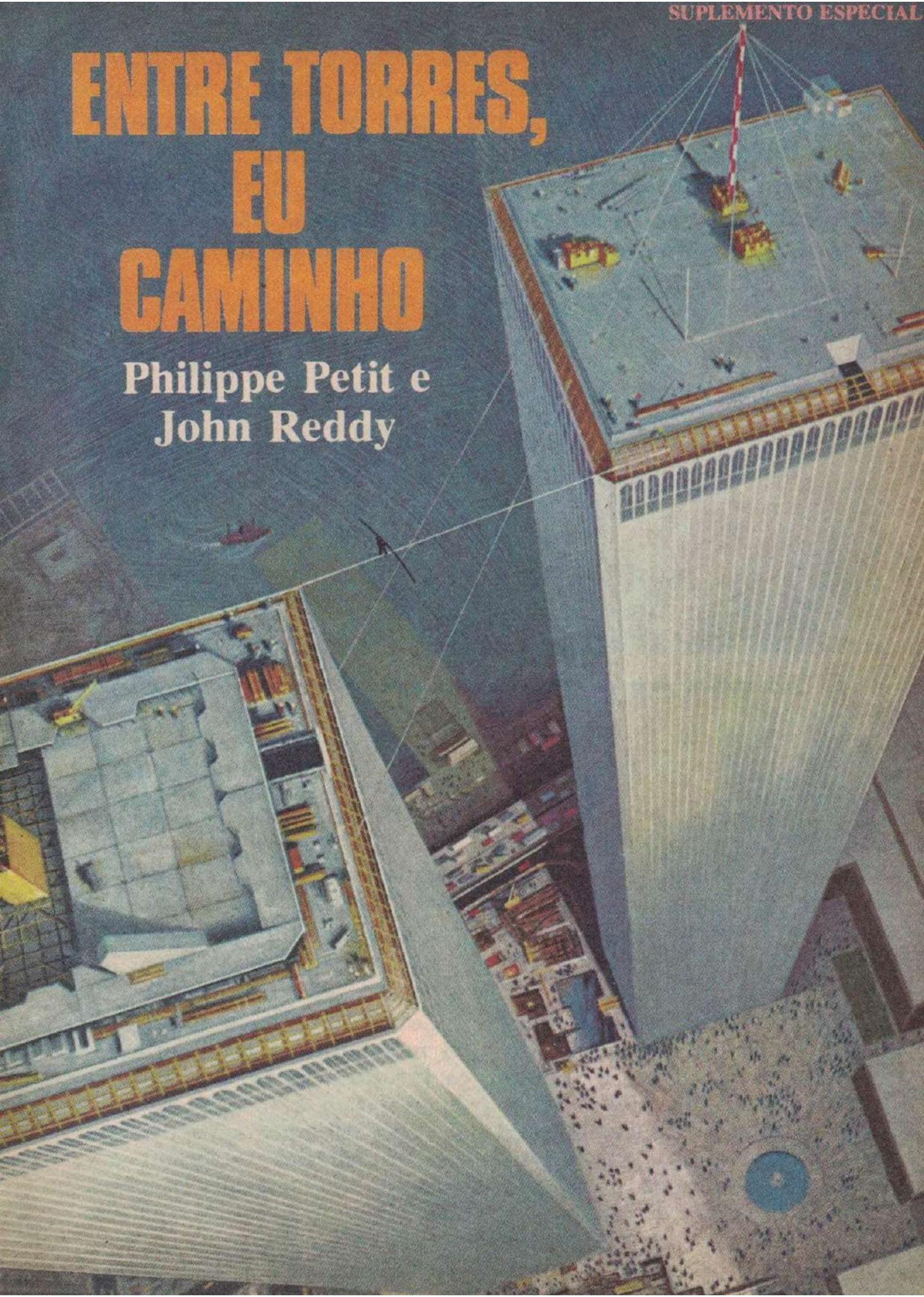
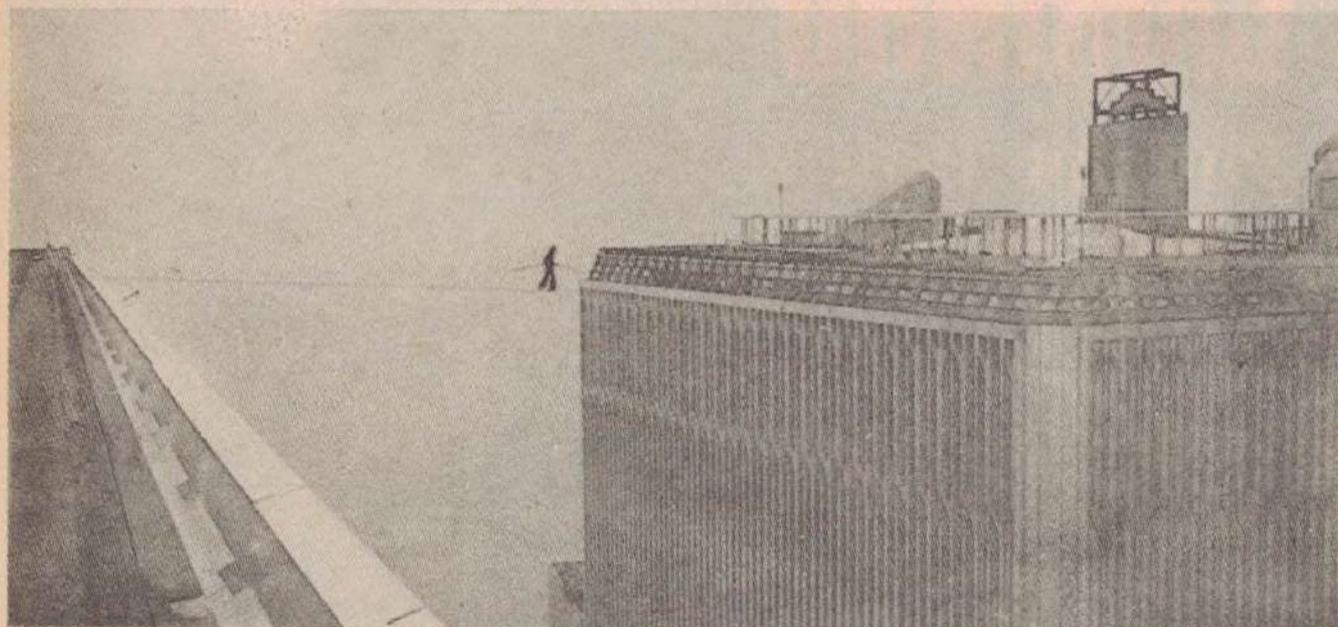


ENTRE TORRES, EU CAMINHO

Philippe Petit e
John Reddy



A aparência do jovem francês era enganadora. Franzino, um tanto travesso, movimentando-se com a graça de um bailarino, parecia pouco dotado para uma proeza tão extraordinária. Quando confidenciou seu plano a alguns amigos, eles acharam que isso seria um sonho louco, impossível. Louco? Sim, talvez fosse. Sonho? Decerto que era. Para Philippe, porém, havia um motivo suficiente: *tinha* de ser realizado.



«As torres me pertencem.» Philippe Petit no arame, a 410 metros de altura

ENTRE TORRES, EU CAMINHO

PHILIPPE PETIT E JOHN REDDY

OS PRIMEIROS raios de luz cintilavam por entre uma neblina quente e úmida, naquela manhã de agosto, refletindo-se difusos nas imponentes fachadas de vidro das duas gigantes torres gêmeas no World Trade Center, em Manhattan.

Com 110 andares (imponentes monólitos que desafiam todos os precedentes), os dois edifícios iguais fazem com que os arranha-céus das imediações pareçam simples arbustos crescendo por baixo de duas gigantes sequóias. Suas fundações estão apoiadas

FOTOS DE JEAN-LOUIS BLONDEAU

numa gigantesca «banheira» de concreto entretecido de vergalhões de aço que penetra a 20 metros de profundidade, até se fixar no leito rochoso. Milhares de toneladas de aço constituem o arcabouço dessas enormíssimas construções que abrigam cerca de 70 hectares de salas de escritórios. Os *halls* têm sete andares de altura, e cada torre 104 elevadores.

As duas monumentais colunas estão em diagonal em relação uma à outra, separadas por uma distância de 40 metros – que as experiências realizadas em túnel aerodinâmico ditaram ser a mais próxima possível para não haver o perigo de violentas vibrações quando os ventos acelerassem em altas velocidades se afunilando pela estreita garganta entre os dois edifícios. Apesar disso, as torres estão construídas de modo a poderem oscilar alguns centímetros com ventos de 100 quilômetros por hora.

As obras começaram em 1970 e, quando estavam no auge, havia cerca de cinco mil operários trabalhando nelas. A 7 de agosto de 1974, porém, os trabalhos exteriores estavam praticamente concluídos. Quem viajasse de helicóptero nessa manhã, subindo o curso do rio Hudson, veria no terraço da Torre Norte um guindaste que seria utilizado para instalar uma antena de televisão; e, na Torre Sul, os contornos de uma plataforma de observação e as coberturas triangulares para proteção dos

vãos das escadas rolantes por onde as pessoas futuramente atingiriam o terraço.

Uma observação mais detalhada teria permitido ver algo mais que não fazia parte da arquitetura dos edifícios: um cabo de aço esticado entre as duas torres. Sobre esse cabo, a 410 metros do solo, como se estivesse zombando da hercúlea imponência dos dois edifícios, avistava-se a minúscula figura de um homem. Quase imperceptível visto de baixo, estava vestido de preto e tinha nas mãos uma vara de equilíbrio. Numa primeira tentativa, deu um passo sobre o abismo.

Um sonho começa

Logo que coloco o outro pé, começa a travessia. Meço o cabo com a vista. Afasto de mim o pensamento, ditado pela razão, de que não devo ir. Se já tive medo alguma vez na vida, foi agora. No entanto, não se trata sequer de tomar uma decisão; é o problema de ser ou não um equilibrista. Eu sei que não consigo voltar atrás; por isso, vou me lançar num momento crucial de minha vida, e saborear com prazer e terror esta função que escolhi. Por alguns minutos, toda a minha vida depende inteiramente de mim.

Estes eram os pensamentos do homem sobre o cabo de aço. Audaz, imaginativo, original e desafiador – todos estes adjetivos se adaptavam perfeitamente a Philippe Petit; no entanto, havia também nele a frenética mobilidade de

um cigano e o ímpeto romântico de um fogoso D'Artagnan.

Desde os primeiros anos de sua juventude, Philippe parecia atraído para sua extravagante vocação. Nasceu em 1950 em Nemours, França, filho de um coronel aposentado da Força Aérea francesa. Ágil e flexível, antes de completar dez anos já executava acrobacias sobre o dorso de um cavalo; aos 12, tendo aprendido por si, era um mágico e malabarista perfeito; quando tinha 15 anos, estendeu uma corda entre duas árvores, na casa de campo de sua família, e tentou caminhar sobre ela.

Profissionalmente, apresentou-se pela primeira vez num *night-club* dos subúrbios de Paris, divertindo os clientes com suas mágicas. Então, sem dizer nada em casa, abandonou os estudos e passou a levar vida errante, viajando de carona pela França inteira. Exibia-se nas ruas executando passes de mágica, fazendo malabarismos e montando num monociclo. Terminada a exibição (se a polícia não tivesse aparecido antes), ele estendia o chapéu aos assistentes. «Eu viajava para onde queria», recorda Petit, «e me sentia como um trovador ambulante da Idade Média.»

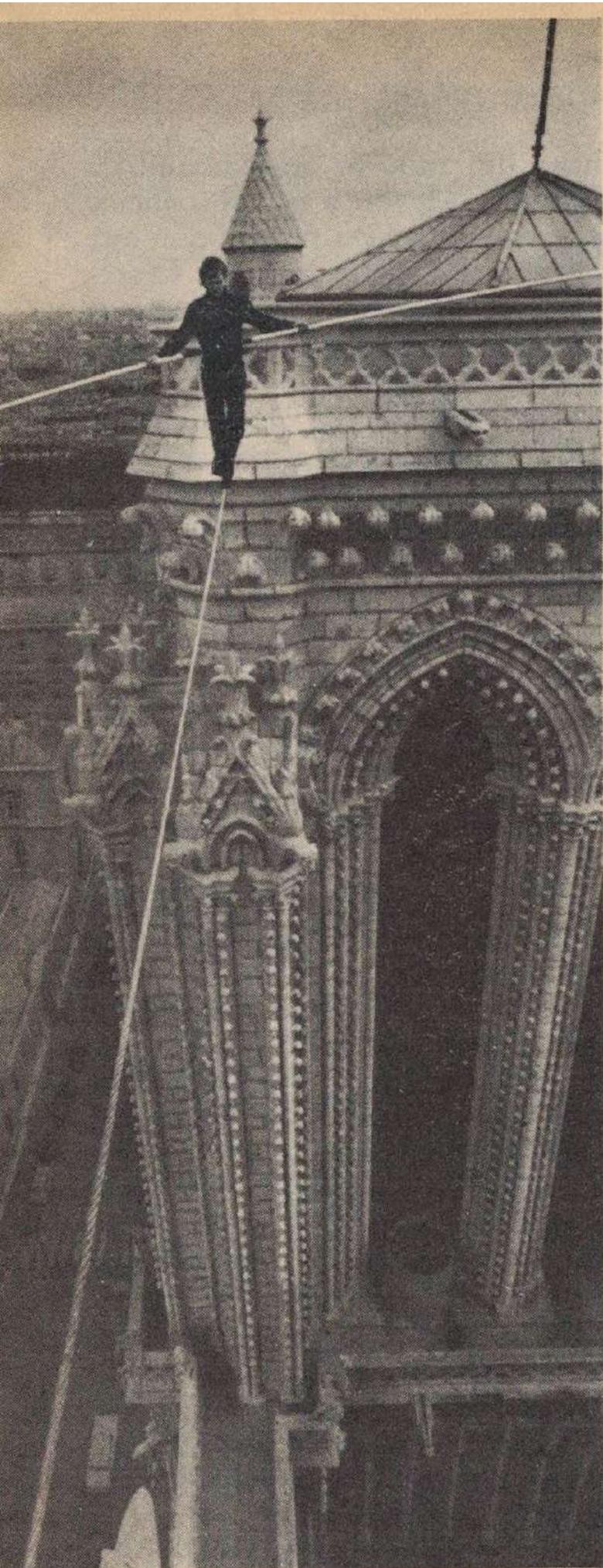
Nas imediações de Paris, as autoridades permitiram-lhe estender uma curta corda num parque perto do Sena, e seus esforços para se equilibrar sobre essa corda atraíam pequenas multidões. Mais ou menos por essa época, encon-

trou dois indivíduos que se tornaram importantes em sua vida. O primeiro foi Jean-Louis Blondeau, um fotógrafo quase da mesma idade, que passou a ser seu amigo íntimo; e o segundo, «Papa» Rudy Omankowsky, veterano equilibrista sobre arame. Este ficara maravilhado por Philippe, com 18 anos, ter conseguido aprender sozinho a caminhar no arame, e começou a orientar o jovem.

«Esse foi o princípio do meu verdadeiro trabalho como equilibrista», recorda Petit. «Cheguei ao ponto de me equilibrar no arame sobre uma cadeira e de andar de bicicleta sobre ele. Comecei a viver para o arame.»

Philippe também se candidatou a um dos subsídios anuais no valor de dois mil dólares, concedidos pela Bolsa das Vocações, instituição particular de Paris. Há milhares de candidatos todos os anos, para os 25 prêmios, mas Petit conquistou um. Com esse dinheiro, comprou material para trabalhar no arame. Então, viajou pela Alemanha, Suíça, Espanha, Grã-Bretanha e União Soviética, executando seus números habituais e, vez por outra, se equilibrou sobre o arame. Era uma vida cheia de dificuldades. «Eu me tornei selvagem com um lobo», diz. «Comecei a saber o que era a vida.»

Quando estava em Paris, alugava um quarto perto da catedral de Notre Dame; tinha apenas cama, mesa e cadeira – e uma bancada de carpinteiro onde fazia



Caminhando sobre o arame entre as torres da Notre Dame

muitos dos acessórios que utilizava para o equilíbrio. Seus únicos rendimentos provinham dos espetáculos que dava nas ruas, até que, certo dia, Philippe olhou para a Notre Dame com seus dois campanários se erguendo sobre o Sena.

Para aprender, eu já tinha esticado o arame entre duas árvores, duas paredes baixas, dois postes. Para qualquer lugar que eu olhasse, dizia comigo mesmo: «Hei, que ótimo ponto para estender um arame!» Em minha imaginação, estava aprendendo a esticar arames em toda parte e, naquele dia, quando vi a Notre Dame, exclamei: «Que esplêndido lugar!» Então comecei a sonhar.

Os domínios de Quasímodo

ERA uma idéia louca. Como poderia ele estender ali um cabo de aço sem ser notado? A central da polícia de Paris ficava precisamente do outro lado da praça, perto da catedral, e o lugar estava sempre apinhado de turistas. Além disso, as torres era tão altas! No circo, o cabo poderia ficar a uns 12 a 15 metros (e, hoje em dia, até menos) acima do nível da pista, mas as torres da Notre Dame se erguiam a 69 metros do solo.

O sonho se apossou de Philippe e, finalmente, ele o confessou a seu amigo Blondeau. Mais ponderado e mais realista em questões onde Petit era dado a entusiasmos repentinos, Jean-Louis era o companheiro ideal. «Juntos», diz Phi-

lippe, «somos a equipe perfeita. Teríamos dado os melhores assaltantes de bancos do mundo!» Blondeau viu imediatamente que o projeto da Notre Dame era uma idéia maluca. «Mas», disse ele, «eu vou ajudar você.»

Fazendo-se passar por turistas, Philippe e Jean-Louis foram diversas vezes às torres, fotografaram detalhes da arquitetura e tomaram notas sobre possíveis maneiras de ali instalarem um cabo de aço. Philippe teve a idéia de arremessar uma bola presa a uma linha de pesca pela qual seria puxado o cabo que iria de uma torre à outra. No entanto, isso teria de ser feito sob a capa da escuridão, se conseguissem passar por três sólidas portas medievais que estavam sempre trancadas de noite.

Os preparativos para a grande aventura levaram três meses. Papa Rudy Omankowsky foi ver as torres e aconselhou Philippe sobre a melhor maneira de fixar o cabo. Petit interessou na tarefa outros colaboradores, inclusive Jean-François Heckel, jovem professor de matemática, fascinado por aventuras de qualquer espécie. Blondeau praticou o lançamento da bola. «Ele conseguia atirá-la suficientemente longe», relembra Philippe, «mas errava a direção.»

Transpor as portas era um problema fundamental. Petit observou que o cicerone que levava os turistas às torres tinha uma chave que abria as três fechaduras. Sub-repticiamente, conseguiu dese-

nhar um modelo aproximado da chave e o levou a um serralheiro seu amigo, mas a réplica que este fez não abria as fechaduras. O serralheiro foi então pessoalmente à catedral e limou a chave, até que, finalmente, ela funcionou.

Na noite de 25 de junho de 1971, tudo estava a postos. Philippe e um pequeno grupo de amigos reuniram-se em seu apartamento às 11 da noite e se dirigiram para a praça defronte da Notre Dame. Deixando os outros como vigias, Petit, Blondeau e Heckel penetraram por uma grande porta, e se esgueiraram pela completa escuridão de uma passagem interior, fechando a porta atrás deles.

À medida que subiam as escadas de pedra em caracol, cada vez mais estreitas, com as mochilas cheias de pesado equipamento às costas, não se ouvia qualquer ruído a não ser sua respiração ofegante. Depois de terem subido os 255 degraus para alcançar a balaustrada da catedral, de onde se erguiam as duas torres, os dois ficaram sentados por meia hora para descansar. Séculos antes, naquele mesmo lugar, segundo o romance de Victor Hugo, o corcunda coxo Quasímodo tinha desafiado a multidão lá embaixo. Agora, como então, as gárgulas horrendas olhavam num silêncio de pedra.

O trio se separou. Philippe foi para uma das torres, Blondeau e Heckel para a outra. Petit fixou sua extremidade do cabo

enrolando-a em volta de uma barra de aço que tinha levado consigo a conselho de Papa Rudy. Depois, prendeu a barra numa fenda da pedra da torre, e fez sinal a Blondeau, que segurava a pequena bola de borracha.

Philippe se lembrava com inquietação da maneira desajeitada como Jean-Louis costumava lançar a bola quando treinava. Ao luar, cada um podia ver distintamente o outro na torre fronteira. Então, chegou o momento decisivo que aguardavam. Jean-Louis tomou impulso e lançou. Descrevendo um arco gracioso, a bola cruzou o espaço com a linha de pesca amarrada a ela. Petit pegou-a no ar, bem perto do rosto. «Senti vontade de gritar *Bravo!*», diz ele.

Philippe puxou o fio, que vinha atado a uma corda grossa. Amarrou-a ao cabo de aço e Blondeau começou a puxá-la, prendendo depois a outra extremidade. Em seguida, este foi esticado por meio de um aparelho especial de tensão. Eram agora quatro da madrugada. Heckel e Blondeau saíram da catedral sem serem notados, deixando Philippe sozinho, muito acima da cidade, que principiava a despertar.

O equilibrista

ÀS DEZ da manhã, as portas da torre abriram-se para os turistas. Quando as primeiras pessoas, entre as quais Blondeau e Heckel,

chegaram lá em cima, Petit estava pronto. Estava estonteado por não ter dormido nem comido, mas experimentava uma enorme sensação de euforia. Pegando a vara de equilíbrio, deu os primeiros passos sobre o delgado cabo.

Inicialmente, ninguém notou, a não ser seus amigos e alguns turistas espantados. Nisto, alguém lá embaixo na praça vislumbrou a minúscula figura vestida de negro projetada contra o céu. Dezenas de pessoas pararam boquiabertas — depois, centenas. Os doentes de um hospital das imediações começaram a sair para o pátio, olhando para o ar, gritando e batendo palmas. Carros da polícia, ambulâncias e viaturas dos bombeiros chegaram com cordas e redes, mas só puderam ficar andando de um lado para outro, quando Philippe, incredivelmente, resolveu deitar-se sobre o cabo.

Sem que Petit soubesse, na nave principal da igreja transcorria uma solene cerimônia religiosa: 50 padres estavam sendo ordenados. Quando a cerimônia terminou, os sinos da Notre Dame principiam a repicar, assustando Philippe. «Era uma ironia», diz ele, referindo-se a esse momento, «os 50 padres, com suas vestes brancas, estavam prostrados com os rostos voltados para o inferno, e eu, vestido de preto, olhava os céus.»

Neste momento, seu público era já de milhares de pessoas — gente nos telhados, nas janelas, nas pontes sobre o Sena. Em revoadas,



Philippe olha para o céu, deitado sobre o arame, na Notre Dame

subiam os aplausos. Philippe decidiu fazer malabarismo. Segurando a vara de equilíbrio com um pé sobre o cabo de aço, ele puxou de três paus que havia escondido entre as gárgulas. O vento, porém, estava muito forte para esse tipo de exibição. Ele desequilibrou-se e quase caiu. Jogando a vara em direção da torre, tentou novamente. Desta vez conseguiu, mas tornou a escorregar e esteve prestes a despencar-se.

Após esses momentos de perigo, Philippe, exausto mas satisfeito, correu para uma das torres e saltou sobre o parapeito, caindo nos braços de policiais que o aguardavam. Os guardas o levaram para fora da catedral, com a multidão atrás, gritando: «Bravo!»

«O público correndo atrás de mim, entusiasmado, foi a coisa mais bela que eu já tinha visto», declara Philippe. «Foi uma revolução de felicidade!»

As autoridades da Notre Dame não quiseram processá-lo. «Isso não foi um crime; foi um ato de bravura», comentou o conservador da catedral. «Deixem-no em paz.»

Na noite para o dia, aquele passeio na Notre Dame tornou Philippe famoso em toda a França. Ninguém havia feito nada parecido, desde que seu compatriota, Charles Blondin, um século antes tinha caminhado sobre um arame esticado acima das cataratas do Niágara. Petit voltou a se exhibir nas ruas, mas agora já era reco-

nhecido em toda parte e aplaudido. Era *Le Funambule*, o homem que dançava no arame.

O enorme vácuo

AINDA antes da aventura da Notre Dame, Philippe já tinha visto uma fotografia do World Trade Center, de Nova York. Foi no agitado ano de 1968, quando Paris vibrava com o clamor das manifestações de protesto dos estudantes, que ele pegou num jornal que mostrava a versão de um arquiteto sobre o futuro traço das gigantescas torres. Por brincadeira, Philippe recortou a foto, desenhou uma linha entre os topos das torres e jogou o papel numa caixa vermelha onde estava escrito «Projetos».

Eu escrevi a palavra «Projetos» na caixa simplesmente para lhe dar um ar de coisa séria. Meus projetos são mais ou menos como aqueles das crianças que passam a vida subindo nas árvores. São como sonhos.

Então, certo dia em 1973, Philippe estava folheando um número da revista *Paris Match* e ficou espantado ao ver como as torres já se achavam. O esqueleto de aço já erguido, e os painéis laterais quase todos colocados.

Aceitou uma proposta para trabalhar em Sydney, Austrália, e, quando se encontrava nessa cidade, audaciosamente caminhou sobre um cabo estendido entre as torres da ponte do porto de Sydney. Tal como a aventura da

Notre Dame, foi uma decisão tomada sob impulso momentâneo. Petit gostava de pregar peças aos amigos (adora furtar o relógio de pulso de uma pessoa, e depois, inocentemente, pergunta-lhe as horas), e tanto o caso da Notre Dame como o da ponte de Sydney pareciam brincadeiras elaboradamente planejadas. A questão do World Trade Center era outro assunto.

Philippe regressou a Paris no fim do ano. Nevava, e ele não podia se exhibir nas ruas. Sempre infatigável, decidiu visitar Nova York, onde sublocou o apartamento de um amigo. Lá, teve oportunidade de executar malabarismos; encontrou velhos amigos e pessoas que tinham visto suas exposições em Paris. Fez novos conhecimentos. A todos confiava seu sonho: «Hei de ser o imperador dos céus norte-americanos.» Seus amigos sorriam indulgentemente. Devido a seu temperamento irrequieto, Petit não era levado a sério. No entanto, a partir do momento em que viu as torres, ficou absorvido pela idéia.

Nunca me esquecerei da primeira visão dessa montanha. Eu tinha imaginado algo colossal, mas colossal em termos humanos. Estou aniquilado pelo que vejo acima de mim. É evidentemente impossível que eu, algum dia, me encontre suspenso lá no alto. Impossível.

O hall da Torre Norte estava apinhado de transeuntes e operários. Apesar disso, Philippe tomou

um elevador e, não entendendo como funcionava o sistema elétrico deste, desceu, num andar qualquer no meio do edifício. Evitando o pessoal do serviço de vigilância, tentou as escadas; depois, voltou aos elevadores. À medida que ele ia parando em andares mais acima, os pavimentos se encontravam cada vez mais atulhados de materiais de construção. Aqui e ali, havia lâmpadas acesas pendentes. Cada andar, com cerca de meio hectare de superfície, era um labirinto de equipamentos, passagens, tubulações a descoberto e poços de elevadores protegidos apenas por uma simples rede de arame.

Alguns vigias, operários, uns quantos encarregados. Que é preciso para a gente parecer um encarregado? É só dar-se ares de que se está à vontade, que se conhece o lugar e se tem alguma tarefa a cumprir. Ótimo! Vou fingir de encarregado. Passo pelos operários sem sequer olhar para eles. Não vim admirar a paisagem; tenho um importante trabalho a fazer no terraço.

Finalmente, consegui descobrir uma porta tapada com um plástico. Levantou-o e viu uma escada que conduzia mais para cima. Subiu para o ar livre.

Estou no topo do edifício. As torres me pertencem. Aqui são os meus domínios. Ninguém me pode roubar a alegria de, algum dia, passar de uma para outra. Apreciei o vazio que separava as duas torres; era um espaço enorme, uma vastidão que ninguém se arriscaria a desafiar. Que frustração!

Que pena! Quando desci, caí em mim. É impossível... mas eu sei que serei capaz.

No dia seguinte, Petit conseguiu a ajuda de um novo amigo, Jim Moore, e ambos voltaram ao terraço da Torre Norte. Moore tirou fotografias de tudo, especialmente dos ferros a descoberto, que poderiam constituir bom ponto de apoio para Philippe amarrar o cabo de aço. Com essas fotos, Petit retornou à França. Havia muita coisa a fazer.

Planos e problemas

EM PARIS, encontrou-se imediatamente com Jean-Louis Blondeau, que, como antes, se prontificou para colaborar, embora estivesse convencido de que a proeza fosse impossível. O primeiro problema com que depararam foi conseguir acesso aos edifícios. Como poderiam entrar lá, acompanhados de diversos colaboradores e com todo o material? Era evidente que não podiam perambular por ali, como Petit tinha feito. Precisavam conhecer os detalhes do edifício, e isto só poderia ser feito visitando-o repetidas vezes (sempre enfrentando o perigo de serem apanhados) ou obtendo as plantas dos arquitetos – ou ambas as coisas.

Logo que soubessem a maneira mais rápida e segura de ir até o terraço, teriam de descobrir meios de fazer chegar lá o equipamento. Podiam, evidentemente, utilizar os

elevadores de serviço, mas para isso era necessário um passe – e este poderia ser falsificado. Para ter acesso aos elevadores de carga, a pessoa deveria fazer uma entrega qualquer – e isto eles também podiam arranjar embalando seu equipamento em caixas de papelão e escondendo-o num andar do alto entre os montes de materiais de construção.

Bem, de qualquer maneira, o equipamento haveria de chegar lá em cima, mas agora havia outro problema: Como fixar o cabo? Philippe pensava amarrá-lo nas grandes vigas centrais dos edifícios, pois ali ficaria mais seguro; mas amarrar o cabo aos centros das torres equivalia a ter de utilizar mais 60 metros de cabo de aço, o que acrescia um peso de mais dois quilos por metro. Era óbvio que ele não poderia carregar 200 quilos de cabo de aço até o topo dos edifícios; precisava arranjar pontos de apoio para fixá-lo, ao longo do para-rapeito superior.

Não era apenas a questão do simples cabo de aço. Um arame de equilibrista, para ficar bem montado, precisa ser fixado, ao longo de sua extensão, por cordas-guias secundárias que descem do cabo principal com um ângulo de 45 graus. No entanto, como Petit sabia perfeitamente, as janelas do World Trade Center não se abrem e, assim, ele não teria meios de fixar os *cavalettis*, como são denominadas essas cordas secundárias, ou espias. Os *cavalettis* tinham

de ficar praticamente no mesmo plano horizontal do cabo principal, e este ficaria com muito menos estabilidade do que deveria ter. (Na verdade, um *cavaletti* não é a própria espia secundária em si, mas o dispositivo utilizado para fixá-la ao cabo principal. É uma peça forte de metal, que tem o formato de um A com a parte superior arredondada para se adaptar sobre o cabo. As pernas do A são então ligadas às cordas secundárias ou espias, por meio de olhais e cavilhas, e, quando essa ligação é bem feita, o cabo principal fica realmente seguro.)

Sem grande dificuldade, Philippe arranjou dinheiro com os amigos para comprar o equipamento e as passagens aéreas para Blondeau e outros que se oferecessem para ajudar. Era difícil encontrar gente disposta a colaborar; poucos tinham possibilidades de corresponder ao zelo de Petit, e este não exigia pouca coisa.

Com todos os planos ainda desordenados no espírito, Philippe e diversos companheiros foram para uma casa no campo, onde podiam estender um cabo à vontade, sem ninguém para importuná-los. Este cabo tinha uns 60 metros de comprimento e ficava a cerca de três metros do solo. O equilibrista fixou os *cavalettis* e depois caminhou sobre o cabo, enquanto os amigos sacudiam as espias tentando desequilibrá-lo. Mas, apesar disso, ele conservou o equilíbrio e até conseguiu caminhar.

Tal como acontecera na Notre Dame, Blondeau tinha planejado lançar uma bola atada a uma linha de pesca de uma torre à outra, mas a distância era muito grande. Então, sugeriu que se utilizasse arco e flecha, e começou a praticar. Como sempre, ele era desajeitado, mas não se preocupava com isso. «Quando o momento chegar», dizia ele, «vou acertar no alvo.»

O vento constituía um sério problema. Um piloto de linhas aéreas, amigo de Philippe, dissera-lhe que a turbulência entre as duas torres era violenta e imprevisível. Mesmo que ele conseguisse se agüentar sobre o arame (e Petit estava certo de que seria capaz), que aconteceria se os edifícios comesçassem a oscilar?

Todos os meus amigos arquitetos dizem a mesma coisa: Se as torres se moverem, a tensão sobre o cabo aumentará subitamente de cinco toneladas para mil, e o cabo se partirá comigo em cima.

Procurou Papa Rudy para se aconselhar. O velho equilibrista disse-lhe que tivesse cuidado com o vento e que se sentasse, se necessário, mas que não se preocupasse com as oscilações do cabo, a não ser que houvesse um furacão. No entanto, sugeriu a Philippe que levasse um fio fino amarrado ao cinto e o prendesse ao cabo, para o caso de escorregar ou ser arrastado pelo vento.

Petit tinha suas próprias idéias a respeito deste assunto, mas as guardava para si. *Usar um cabo de*

segurança é contrário à ética de um autêntico equilibrista. Quando subimos para um arame, devemos levar nossa vida – e não apenas o corpo.

Philippe respondeu apenas: «Jamais faria uma coisa dessas.»

Papa Rudy sorriu: «Eu sei. Você quer fazer algo maravilhoso.»

Altos e baixos

PHILIPPE tornou a voar para Nova York no dia 13 de maio de 1974, e principiou a estudar as torres com a perseverança de um detetive. Observou onde ficava o pessoal de vigilância; andou dezenas de vezes nos elevadores, para se familiarizar com seus sistemas de comando; alugou um aparelho para medir com exatidão a distância entre as duas torres: 40 metros. Chegou, inclusive, a sobrevoar as torres de helicóptero, pairando 150 metros acima dos terraços para se habituar com a altura. No entanto, quando pediu para passar de helicóptero entre os dois gigantescos edifícios, o piloto se recusou, pois os ventos ali eram muito traiçoeiros.

Com grande atrevimento, usando falsas credenciais, ele se fez passar por correspondente de um jornal de arquitetura. Juntamente com Jim Moore, foi conduzido numa excursão especial pelas torres, tendo visitado os terraços e outras dependências. Fazia todo tipo de perguntas, e ora temia ser descoberto, ora reprimia um sorriso diante da resposta ininteligível.

Então, um belo dia foi apanhado no terraço de uma das torres por dois funcionários do serviço de vigilância que lhe perguntaram que estava fazendo ali. Exprimindo-se em inglês com dificuldade (hoje fala fluentemente), desculpou-se dizendo que era apenas turista. Desconfiados, os funcionários trouxeram-no para baixo e pediram-lhe o nome. Continuaram querendo saber os motivos por que Petit estava interessado no World Trade Center, mas ele manteve a sua história, afirmando ter ido apenas apreciar o panorama. Por fim, mandaram-no embora, advertindo-o de que não voltasse ali.

Desanimado, Philippe telefonou a Blondeau em Paris. A aventura tinha fracassado. As torres eram demasiadamente bem guardadas. Ele teria de procurar outro edifício. Na companhia de Jim Moore, andou pela cidade, estudando ora uma ponte, ora uma igreja. Era inútil. Nenhuma construção poderia substituir World Trade Center.

Recuperando-se do desânimo, Philippe chamou apressadamente Blondeau a Nova York. «Venha logo», disse ele. «Havemos de arranjar um jeito.» Assim que Blondeau chegou, porém, verificou que os planos estavam completamente desorganizados. Philippe nem ao menos havia comprado um aparelho de esticar, indispensável para dar tensão suficiente ao cabo. Teoricamente, precisariam testar todas as fases da operação ao menos

uma vez, mas Blondeau dispunha de alguns dias apenas. Não havia tempo para um ensaio. Uma inspeção de última hora no terraço correu mal, e Petit, ao deixar o edifício, tropeçou e caiu exausto.

Estou morto de cansaço e desesperado. Em minha mente, só vejo duas soluções: atravessar o cabo ou suicidar-me.

Calmamente, Jean-Louis assumiu o controle da situação. Na véspera de voltar para a França, ele foi à Torre Sul, subindo a pé os 110 andares e tirando fotografias ao longo do trajeto. O sonho, disse ele a Philippe, era possível, mas para isso era preciso que Petit o preparasse nos mínimos detalhes. Deveria conhecer todas as portas e todas as escadas tão bem como conhecia seus dedos. Se Philippe fizesse isso, Blondeau voltaria e, então, juntos, espantariam o mundo.

Pegando num bloco de apontamentos novo, Petit escreveu nele:
NOVA ORGANIZAÇÃO.

O vento, o cabo e eu

Cada vez que vou às torres, receio ser descoberto. Preciso travar conhecimento com alguém que trabalhe ali. À hora do almoço, passeio pelo hall. Nisto, como que por milagre, me encontro com um homem. Não sei seu nome, mas ele me viu fazendo malabarismos em Paris. Digo-lhe que estou me exibindo em Nova York, e que talvez um dia coloque um cabo em algum lugar. Ele sorri. Compreende.

Convida-me para jantar. Explico-lhe a história toda. Ele concorda comigo. Trabalha no 82.º andar. É fantástico! A proeza tem um novo princípio.

Desta vez, Philippe elaborou um plano para levar o material de dia, guardá-lo no 82.º andar e ir embora, voltando depois de escurecer para instalar o cabo. Com a ajuda de três novos colaboradores norte-americanos, conseguiu fazer duas entregas falsas, levando para cima uma grande caixa cheia de tijolos e jornais velhos. Tempos depois, um dos americanos passou a noite na Torre Sul a fim de observar as atividades dos homens da vigilância e relatar quaisquer possíveis problemas.

Embora ainda não tivesse preenchido completamente os requisitos exigidos por Blondeau, Petit sentiu que estava pronto. Finalmente, tinham conseguido encontrar um esticador em Boston. Havia sido comprados também aparelhos de intercomunicação, para que os homens ficassem em ligação de uma torre para a outra. O arco para disparar a flecha que levaria o fio tinha sido especialmente feito em duas partes, a fim de poder ir disfarçado entre um rolo de plantas de arquitetura. Só faltava a presença de Blondeau.

No dia 6 de agosto, este chegou com Jean-François Heckel, que também tinha ajudado na Notre Dame. No apartamento de Philippe, começaram a rever o plano ponto por ponto. Petit caminharia da Torre Sul para a Torre Norte.

Heckel acompanharia Petit até a Torre Sul. Jean-Louis e um dos norte-americanos ficariam na Torre Norte, responsáveis pela segurança do cabo de que dependia a vida de Philippe. Blondeau achava errado utilizar o 82.º andar como esconderijo. Em sua opinião, deveriam levar o material e ir diretamente para o terraço, ou ficar tão perto dele quanto fosse possível.

A proeza tem 50% de probabilidades de dar certo. Os homens do serviço de vigilância, o vento, o cabo, eu. É exatamente como o dilema do toureiro que vai enfrentar um touro que nunca viu, mas que, segundo dizem, é dez vezes maior que o normal e está ansioso por fazer o toureiro em pedaços. Estou gelado de medo, mas morrendo de felicidade.

Lá fora, esperava uma camioneta de entregas que havia sido alugada.

Espera angustiante

NA TARDE do dia 6 de agosto, os homens dirigiram a camioneta para o World Trade Center, descendo diretamente para as rampas de acesso às plataformas de carga, no subsolo. O cabo de aço principal (60 metros de comprimento, 21 cordões entrançados, 22 milímetros de espessura, 120 quilos de peso) estava numa grande caixa de madeira montada sobre um carinho. Uma mala com rodinhas continha os acessórios de metal, ferramentas, correntes e grampos.

A vara de equilíbrio que Philippe iria utilizar, com dez metros e meio de comprimento, tinha sido desmontada em três partes para maior facilidade de transporte.

No *hall*, houve uma enervante demora. Operários de construção e subempreiteiros andavam por toda parte, monopolizando os elevadores para seu equipamento. Philippe e seus amigos, vestidos com roupas de trabalho e capacetes, esperaram quase uma hora até que, finalmente, conseguiram entrar nos respectivos elevadores.

No 104.º andar da Torre Sul, as portas do elevador se abriram. Philippe olhou em volta e depois fez sinal para Heckel. Ambos se apressaram a retirar do elevador sua pesada carga. Logo que os dois rolos de cabo foram desempacotados, cada homem agarrou em sua parte, que pesava cerca de 60 quilos, e a colocou aos ombros. Dirigiram-se a uma escada que subia mais quatro andares. Operários e fiscais passaram por eles, mas ninguém os incomodou.

É quase como o escravo que deve caminhar ou morrer. Olhamos um para o outro, com os olhos saltando das órbitas, e nem sequer nos atrevemos a pensar na loucura que estávamos cometendo. Eu me concentro no esforço de meus músculos da barriga da perna. Devo carregar todo o peso sobre os ombros, bem direito, para não tropeçar.

Finalmente, alcançaram o andar de onde só falta um lance de escadas para se chegar ao terraço. Ali

perto, onde ainda havia espalhado muito material de construção do edifício ainda em fase de acabamento, eles ocultaram seu equipamento. Depois, procuraram um lugar para se esconderem também. A uns seis metros, havia um vão de escadas rolantes com a altura de dois andares, encimado por uma estrutura semelhante a uma clarabóia. No interior dessa estrutura, que cobria o vão, descobriram uma viga de aço como se fosse uma prateleira, com apenas uns 20 centímetros de largura e talvez dois metros de comprimento. Subiram nessa viga e se cobriram com uma lona, mergulhando seu pequeno mundo na escuridão. Tiraram os sapatos para aliviar a dormência provocada pela árdua caminhada. Eram quatro e meia da tarde.

Apertados ali, à medida que o tempo passava, começaram a sentir câibras nas pernas. Não podiam fazer nada; se se mexessem, arriscavam-se a ser descobertos ou a cair da altura de dois andares. Os minutos custavam a passar. Depois de duas horas e meia de desconforto e tensão constantes, quase sem se moverem e respirando com dificuldade sobre aquela estreita viga onde se haviam escondido, Philippe resolveu arriscar e espreitou por uma das extremidades da lona. Em seu relógio, eram sete horas, mas verificou, desanimado, que a claridade ainda intensa do dia penetrava pela parte superior das escadas.

É loucura. Não sei se poderemos resistir. É demasiado doloroso, mas temos de ser corajosos. Heckel está agüentando tão bem quanto eu. Nem se mexe. Estou muito feliz.

O Sol começou a pôr-se. Havia muito tempo que não se ouvia o menor ruído fora do esconderijo. Finalmente, os dois afastaram a cobertura de lona e saltaram da viga. Descalços, subiram silenciosamente as escadas até o terraço, cada um carregando uma porção do cabo e a lona. Através do abismo, Philippe olhou para a outra torre. Recortadas na escuridão, contra o céu azul-cinzentado, viu as silhuetas de dois homens. Sorriu. Blondeau estava lá.

Transpondo o abismo

PHILIPPE levantou o braço direito acima da cabeça, que era o sinal previamente combinado. Não houve resposta imediata. A única iluminação era o clarão vermelho das luzes de advertência à navegação aérea. Então, do outro lado do escuro abismo, Philippe viu o braço de Blondeau erguido acima da cabeça, respondendo.

Minutos após, uma flecha sibilo sobre o despenhadeiro e produziu um clique metálico, caindo ali perto na escuridão. «Estava a apenas alguns milímetros da borda», garantiu Philippe. Em seguida, ele começou a puxar a linha de pesca com um peso de oito quilos; amarrado a ela, vinha o fio de 20 quilos; depois, um cordão de

pára-quedas e, finalmente, uma corda de náilon de dez milímetros de espessura, à qual estava atada a linha de comunicações que manteria em contato os dois pares de homens enquanto trabalhavam na fixação do cabo. Por essa corda, Blondeau também mandaria equipamento que Petit não tinha conseguido levar.

Logo que Philippe determinou onde o cabo principal devia ser amarrado, fixou a este as espias e os cavalettis. Nervoso, gastou dez minutos fazendo contas com giz numa viga, e depois prendeu os cavalettis de modo que o cabo ficasse apoiado a um terço e a dois terços de sua extensão.

Algum tempo depois, Philippe descobriu que um desses cavalettis tinha sido mal colocado, mas, naquele momento, havia um problema mais imediato a resolver.

Philippe e Heckel tinham trabalhado rapidamente, a fim de prenderem sua extremidade do cabo antes que este começasse a ser puxado pela corda de náilon por Blondeau e seu companheiro norte-americano, Mike Allen, para a Torre Norte. Petit e Heckel procuraram ir largando lentamente o cabo de aço de 22 milímetros, para mantê-lo sob controle. «Logo depois dos primeiros metros, pensei que iria ficar sem os dedos», conta Philippe. «Ele começou a correr velozmente por minhas mãos, e eu não conseguia segurá-lo.» O cabo foi descendo rapidamente para o abismo, formando um gigantesco

U, sendo levado, embora com dificuldade, para a Torre Norte pela corda de náilon.

Blondeau e Allen principiaram a puxar. O plano era este: Primeiro, usar as mãos. Depois, quando o esforço se tornasse demasiado, utilizar uma roldana. Assim que esta começasse a ficar pesada, montar um cadernal, que é um conjunto de seis roldanas em três pares. Finalmente, se nada disto conseguisse puxar o cabo, utilizar um duplo cadernal. Quantos mais aparelhos destes fossem instalados, menor seria a porção de cabo puxada de cada vez. Com um cadernal duplo, só podiam ser trazidos 15 centímetros de cabo, pois os blocos dos cadernais se tocariam, sendo preciso afastá-los para puxar de novo.

Momentos após, pelo sistema de comunicações ouviu-se a voz de Blondeau demonstrando fadiga e desespero. «Acho que não vamos ser capazes, Philippe. A corda já não vem mais.»

«E com roldanas ou cadernais?»

«Já estamos usando cadernal duplo. Ainda há mais de 40 metros de corda, e o cabo nem sequer está à vista. É pesadíssimo.» Apesar disso, continuaram tentando.

Duas da madrugada. O cabo ia se deslocando com grande dificuldade (apenas uns 10 a 15 centímetros de cada vez), quando se deslocava. Mais uma comunicação de Blondeau: «Estamos muito cansados. Já não podemos mover os braços.» Sem se saber como, po-

rém, novas reservas de energias foram surgindo, e o cabo, muito lentamente, ia avançando em direção à Torre Norte.

Finalmente, Blondeau amarrou o cabo em sua torre e Petit se dirigiu ao guincho portátil para esticar o cabo do seu lado.

Clique... clique... clique... Foi um suplício para Philippe rodar a manivela, mas o cabo de aço acabou ficando razoavelmente esticado.

Então, ambas as equipes deram início à última fase: esticar as espias secundárias. Eram seis da manhã – dia claro.

Normalmente, quando trabalha no arame, Philippe usa cordas como espias, e não cabos de aço. «Mas, naquela incrível altura», recorda ele, «eu só queria aço (nada menos do que aço) sob os meus pés. Era uma questão puramente psicológica, pois a corda teria feito precisamente o mesmo serviço, mas lá em cima eu só tinha confiança no aço.»

Assim que as espias começaram a ser esticadas, Philippe notou que o cavaletti mais afastado (o que estava a dois terços para o lado da Torre Norte) ficara ao contrário, formando um V acima do cabo, em vez de um A de pernas viradas para baixo, e isso constituía um perigoso obstáculo no qual ele poderia facilmente tropeçar. Já não havia possibilidade de colocar o cavaletti direito, a não ser puxando o cabo todo para a Torre Sul e começando tudo de novo.

Naquela ocasião, porém, já não havia tempo, pois podiam ser descobertos a qualquer momento.

Quando Philippe, às pressas, despiu suas roupas de trabalho e punha a malha e os sapatos de equilibrista, ia atirando as peças no chão. Sem que percebesse, uma das peças voou por cima do parapeito. Da rua, Jim Moore e diversos amigos de Philippe, que estavam olhando de binóculos para o alto, sentiram paralisar os corações quando viram um vulto no ar, de braços esticados, caindo em direção ao solo. Pouco a pouco, foram percebendo que era apenas o suéter do equilibrista.

Philippe sabia que tinha chegado a hora de ir. Deu mais uma volta na manivela do guincho portátil, pegou em sua vara de equilíbrio já montada e se aproximou do parapeito.

Êxtase das alturas

Estou pronto – ainda que o cabo não esteja em perfeitas condições e embora eu não tenha posto o pé num arame nos últimos quatro meses. Estou quase desmaiando de cansaço e sinto as pernas tremendo de fadiga.

Philippe e Heckel observaram a grande roda de ferro girando no alto do terraço. Era o elevador dos operários que vinha subindo.

Agarro minha vara de equilíbrio. Ponho meu pé direito no cabo. Vejo o imenso abismo por baixo. O medo se apodera de mim, mas luto contra ele. Olho bem em frente. Fixo o olhar na

torre que tenho diante de mim. Meu receio diminui. Sorrio de minha coragem. Dou um segundo passo. Começa a travessia.

Vou avançando. Já ultrapassei o primeiro cavaletti. O cabo oscila. Balança de cima para baixo. Vibra como corda percutida. Gira. Os cavalettis não servem para nada.

Caminho cautelosamente, pondo um pé após outro com infinito cuidado. Lentamente – primeiro o polegar. Depois, deslizo a planta do pé ao longo do cabo. Agora, todo o peso do meu corpo está sobre o calcanhar. Luto contra as oscilações do cabo, contra o vento traiçoeiro.

Eu acredito em vertigens – as autênticas vertigens que fazem uma pessoa fechar os olhos e a levam a se despençar no chão. Tenho o pressentimento de que este imenso precipício teria a força de me fazer perder a cabeça, se eu, por uma fração de segundo, abandonasse a luta. Minha cabeça está prestes a estourar. Minhas pernas, prontas a tremer. Meu corpo talvez esteja disposto a desistir, mas eu não. Jamais.

O meio do cabo é como um pântano – um horrível desconhecido, porque não tem espigas para fixá-lo. Neste momento, já percorri mais de meio caminho. É quase a vitória completa; já consegui, inclusive, conquistar a morte. Ter ultrapassado o meio do cabo é começar a sentir-me subitamente invadido pela felicidade.

O segundo cavaletti – o que está virado ao contrário. Prendo a respiração. Neste ponto terrível, terei de ser extremamente cauteloso, porque se

minha vara de equilíbrio não estiver perfeitamente horizontal neste momento pode esbarrar na espia que se encontra quase ao nível do cabo, e eu estarei perdido.

Passo por cima do segundo cavalletti. Tenho medo de que alguma vibração o faça rodar subitamente, obrigando o cabo a balançar. Sustenho a respiração até ultrapassá-lo.

À medida que me aproximo da Torre Norte, o vento arrasta minha vara de equilíbrio, mas o cabo aqui já está mais seguro. Caminho os metros restantes afastando de mim a tentação de me apressar. Muitos equilibristas já morreram ao darem o último passo, convencidos de que iriam completar sua proeza. Ponho meus pés sobre a torre. A missão estava cumprida. Sinto-me tomado de alegria.

Blondeau e o ágil equilibrista trocam um breve olhar de satisfação. Então, Petit vai verificar os grampos que seguram o cabo e inspecionar as espias, antes de tentar sua caminhada de regresso.

Enquanto isso, lá embaixo, a 410 metros, milhares de nova-iorquinos boquiabertos olham para cima. Os choferes de táxi param, saem dos carros e ficam assistindo, provocando um caótico engarrafamento de trânsito.

O sargento Charles Daniels, homem robusto de 37 anos, chefe da equipe de vigilância do World Trade Center, constituída por 14 homens, imediatamente põe em prática o Plano de Emergência Para Saltos (destinado a impedir suicídios naquelas dependências).

Philippe já vinha de regresso. O panorama, lá de cima, era espetacular. O sol, filtrando-se através da neblina, punha reflexos prateados nas janelas dos edifícios. No porto de Nova York, a Estátua da Liberdade parecia do tamanho de uma boneca de brinquedo. Um bando de pombos passou, como se fosse uma revoada de confete. As pessoas que se aglomeravam embaixo nas ruas pareciam formigas.

Quando me aproximo da outra torre, vejo que a polícia está esperando por mim. Os homens tentam falar comigo, mas eu paro pouco antes de chegar à torre. Dou meia volta, colocando a vara de equilíbrio sobre o cabo; depois, rodopio e pego a vara outra vez. É uma coisa absolutamente louca que eu nunca consegui executar com perfeição, nem mesmo nos treinos.

Preparo-me para uma terceira travessia. A partir deste momento, estou completamente absorvido por minha atuação. Já não sei quantas travessias fiz, nem quanto tempo já passou, nem quais as reações dos policiais nas torres. Mais tarde, ficarei sabendo que fiz sete travessias e que permaneci no arame 45 minutos.

Depois, também saberei que milhares de pessoas estiveram aplaudindo e seguindo cada um de meus movimentos. Não vejo o público, mas sinto perfeitamente sua presença. Pressinto também o arfar da cidade cujo ritmo mudou. Escutem só! Lá ao longe, as sirenes da polícia e o apito de um rebocador no rio.

Ganho coragem de olhar para baixo de meus pés. O que vejo é indescrití-

vel. As linhas verticais dos edifícios se aproximando e quase se unindo lá muito embaixo. No solo, algumas centenas de pontinhos minúsculos, sem cabeças nem braços, se movendo em todas as direções.

Finalmente, o sargento Daniels gritou: «Se você não sair daí, vamos mandar o helicóptero da polícia apanhá-lo com uma rede.» No entanto, se algum dos helicópteros que andaram sobrevoando por perto se tivesse aproximado demasiadamente, com a sucção de ar teria feito Philippe cair do arame, como se fosse uma pluma.

A intensa atividade que se desenvolvia em torno do equilibrista fez com que ele, por momentos, perdesse sua concentração e tropeçasse no arame, quase caindo. Contudo, recuperou o equilíbrio e continuou caminhando resolutamente. Depois, a meio do cabo, deitou-se de costas, colocando a vara de equilíbrio sobre o abdome, como se fosse dormir.

Sinto que pertença aos céus. É um momento da mais pura felicidade. Muito lentamente, tiro uma das mãos da vara e deixo o braço pender. Ainda mais lentamente, tiro a outra mão e o braço fica pendente também. Minha perna esquerda balança igualmente no espaço. A vara está agora simplesmente apoiada sobre meu estômago. Respiro muito devagar e me delicio imensamente com o milagre do equilíbrio.

Cuidadosamente, Philippe ergue o braço esquerdo, que estava pendente sobre o abismo, e agarra a

vara de equilíbrio. Depois, traz o braço direito. A perna direita, que ficara estendida sobre o cabo, começa a se mover, e o pé vem deslizando para trás até ficar sob as nádegas do equilibrista. Em seguida, ele ergue o corpo para diante, ficando acorado sobre o pé direito; a perna esquerda continua pendente acima do precipício. Com um poderoso impulso dos músculos da perna direita, Philippe se põe de pé sobre o cabo de aço.

Recomeça a caminhar no trajeto que ele mais tarde chamaria de «a mais bela travessia». A meio do arame, o artista ajoelhou-se, fazendo a saudação tradicional dos equilibristas. Lá embaixo, estava Nova York a seus pés.

Decidiu encerrar sua exibição com chave de ouro. Correu ao longo do cabo, em direção à torre, e pulou para o terraço. Os policiais que estavam na Torre Sul irromperam em aplausos. Philippe ainda quis afrouxar o cabo (receando que este estourasse, em virtude da tensão a que estava sujeito, e ferisse alguém cá embaixo), mas foi agarrado pela polícia. «Não o tratem mal», pediu o sargento Daniels. «Esse homem é um artista.»

Philippe e Heckel foram postos em liberdade daí a pouco; Blondeau e Allen tinham conseguido escapar logo que a polícia chegara ao terraço da Torre Sul. Petit foi «sentenciado» a se exhibir para as crianças no Central Park, sentença que ele recebeu de bom grado.

Senti medo e lutei contra ele; depois, me ri desse temor. Estive deitado sobre um cabo, com o nariz quase nas nuvens, e senti os ruídos do mundo cotidiano se desfazerem em silêncio até que fiquei rodeado por uma paz absoluta. Eu conheci o êxtase das alturas. Na realidade, o World Trade Center não era o fim, mas apenas um princípio. Tenho muitas coisas interessantes na minha caixa vermelha rotulada «Projetos».

Instinto de artista

COMO sempre, Philippe foi muito além do simples cumprimento da sentença. Estendeu um cabo enorme, com 210 metros de comprimento, sobre o lago Belvedere, no Central Park de Nova York, preso à torre do castelo que domina aquela área. Maravilhando milhares de espectadores, caminhou sobre o cabo inclinado. Homens num barco a remos rondavam discretamente no lago, pois Philippe não sabe nadar.

Houve uma torrente de publicidade, e Petit recebeu diversos convites para estender um cabo nos lugares mais incríveis; alguns desses pedidos ele os atendeu. Depois, atuou por uma temporada no circo Ringling Bros. Barnum & Bailey, como astro de primeiro plano.

Não importa o que o futuro possa trazer a Philippe, mas a verdade é que o dinheiro não é a sua

maior preocupação; o que ele pretende é atingir um ideal de perfeição. «Quando temos uma chama interior», diz ele, «somos capazes de mover montanhas. Quando se dá tudo pela nossa arte, a gente se torna diferente. Eu nunca economizarei dinheiro, pois quero fazer muitas coisas: Organizar um circo perfeito, em que só haja artistas de primeiro plano. Caminhar sobre as cataratas do Niágara, mas não como tem sido feito até aqui; desta vez, quero andar mesmo por cima das quedas, num percurso de 1.500 metros ou mais. Amarrar um cabo ao cimo da Torre Eiffel e subir por ele, num ângulo de 45 graus.»

Uma vez, Papa Rudy perguntou a Philippe por que passava diversas horas antes de cada espetáculo a repintar de branco sua vara de equilíbrio. «A 15 metros, ela parece branca. Então, por que é que você a pinta, Philippe? Por que é que você quer fazê-la parecer mais branca?»

Philippe só respondeu: «Nada é branco se não for totalmente branco.»

Sua resposta à pergunta «Por que você caminhou entre as torres do World Trade Center?» talvez consiga traduzir, melhor do que qualquer outra expressão, o espírito sempre insatisfeito de Philippe. «Quando vejo três laranjas, dá-me vontade de fazer malabarismos, e quando vejo duas torres, quero caminhar entre elas.»